

FERNANDO CABRAL MARTINS

MAIO 1993

Voz cimeira da literatura poética contemporânea, a obra completa de Luiza Neto Jorge acaba de ser editada num volume organizado por Fernando Cabral Martins que, nesta entrevista, fala da autora de «Os Sítios Sitiados», escritora nascida em 1939 e falecida em 1989.

Ao falar-se do mundo dos sentidos, a poética de Luiza Neto Jorge convoca-nos de imediato para a sua grandeza. É como se nos evadísemos de todos os esconderijos para habitar na palavra direta, no espaço partilhado das pausas, nas metáforas, no fulgor, na plenitude do conhecimento ou no conflito do homem só...

Dos afetos levados ao verso às vezes áspero, contido, mas nunca gratuitos, até à rebelião do sonho escavado no duelo entre a inquietude e a urgência do inequívoco; das sombras à claridade, do corpo explícito até à pluralidade transformadora da lírica de Luiza Neto Jorge, a poesia da autora de *Noite Vertebrada* e de *Os Sítios Sitiados* vai além das correntes datadas, talvez porque «o poeta é um animal longo / desde a infância»; talvez porque «O lugar de repouso / está por inventar»; talvez, ainda, porque «Nós, que medimos a morte / não entramos de roldão desassossegando / o mundo. Alimentamo-nos de seres menores / néons macios controlados / por ogres, bolas de sabão / que em

silêncio estoiram / E às jazidas do sémen, ao tenro veio da / madre / século após século retorna-mos». Talvez, ou sobretudo, porque Luiza Neto Jorge nos afirma sem tibieza: «Não me quero com o tempo nem com a moda.»

Escritora mal conhecida em vida, ou, pelo menos, muito aquém do que merecia, apesar dos esforços de edição entretanto realizados, temos agora, cinco anos após a sua morte, a obra completa de Luiza Neto Jorge, num volume da Assírio & Alvirn. Fernando Cabral Martins prefaciou e coordenou esta publicação. Fala-nos da autora d'*O Ciclóptico Acto* e de *A Lume* (trazido a público após a morte da escritora, em 1989).



Que sente alguém ao pegar na poesia completa de Luiza Neto Jorge para a reunir num livro?

Uma tarefa complicada, exigindo trabalho minucioso, nomeadamente para decidir sobre se uma coisa é ou não gralha em algumas edições, porque a Luiza tem sido, apesar de tudo, editada. Não caiu no esquecimento.

Mas, como, aliás, quase sempre acontece, só depois da morte se falou mais dela...

É um fenómeno de crescimento natural. Estamos perante uma poesia de grande intensidade, e isso vai-se tornando cada vez mais nítido.

Para este volume partiu apenas de outras edições ou teve acesso a originais?

Manuel João Gomes, que foi marido da Luiza e preserva todo o seu espólio, facultou-me os originais, primeiras edições e recortes da imprensa. Foi um contributo inestimável.

Luiza Neto Jorge tinha um rigor da palavra muito apurado. Rasurava. Reescrevia. Não lhe surgiram dúvidas?

Por isso mesmo se ponderaram as opções até ao ínfimo pormenor. Tentei ao máximo que não houvesse deturpações. Observei palavra a palavra, verso a verso, troquei opiniões com Manuel João Gomes, Gastão Cruz, Teresa Horta.

Foram alguns dos companheiros de Luiza Neto Jorge no célebre grupo da poesia de 61. Essa poesia ocupa ainda um lugar marcante?

Um momento-chave dos anos 60, que nos deu uma poesia muito rica. Com todos os debates que recentemente foram promovidos em torno das comemorações do 25 de Abril, toma-se cada vez mais consciência de que o ano de 61 foi incrível. Em todos os quadrantes aconteceram coisas extraordinárias. Momentos cruciais.

Foi um tempo de grandes lutas por ideais...

Sem dúvida. E na poesia essas coisas aparecem sob a forma essencial, mais pura e mais direta, em que tudo faz sentido. Tínhamos a emergência da poesia singular de Herberto Helder. Havia a poesia concreta e de novo uma espécie de impulso vanguardista, que não era só a poesia experimental, mas outros movimentos em todo o mundo.

Poesia decisiva?

Marcante, indiscutivelmente. E, no interior da poesia de 61 — sem contar Herberto Helder, que é absolutamente singular —, a de Luiza Neto Jorge foi, porventura, a que sobreviveu de uma forma mais aguda, mais inegável.

O duelo na poesia de Luiza é muito forte, entre ela e as palavras. Estaremos hoje mais preparados para entendê-la?

A poesia é um sentido concentrado em tão alto grau que não é à primeira que se lê e sente. O mesmo acontece com a música, que se pode reouvir eternamente, o que já não se dá, por exemplo, com o cinema. São raros os filmes que

aguentam uma segunda visão. Também não sucede muito com os romances, embora encontremos um ou outro para se reler sempre. A poesia é feita para se impregnar de tempo.

A poesia será por isso mais revolucionária?

Não sei. Mas é, com certeza, mais densa de sentidos, mais direta, mais concreta, mais corporal.

Qual seria a «quarta dimensão» que Luiza Neto Jorge procurava?

O tempo. Simplesmente, a poesia tem uma relação com o tempo que consiste em encerrar-se na sua própria teia. Um poema é uma espécie de tempo concentrado, que se torna eterno nesse lugar onde o poema o concentra.

Mas Luiza procurava desconstruir o tempo...

Exatamente. O tempo é abolido num certo sentido. O poema concentra um instante e, sempre que se volta lá, esse instante ressuscita, mas regressa sempre diferente. A poesia consegue captar e escrever o tempo. Daí que, se calhar, sai do tempo, escapa-lhe. A grande poesia de Safo, de Ovídio ou de Homero pode ser lida hoje como há milénios e temos a sensação de haver sido escrita ontem.

Porque se sentia Luiza Neto Jorge tão sitiada no tempo que ela própria desconstruía?

Os poemas de *Os Sítios Sitiados* situam-se antes do 25 de Abril. O título tem um sentido histórico, preciso. Todos nos sentíamos sitiados.

Entre o grito da palavra e o sonho essencial, Luiza libertava-se mas ficava, por vezes, prisioneira de um determinado tempo. Porquê?

Era o lado positivo desse "sitiamento", o ganho de uma enorme liberdade. O poema é como se fosse um sítio que obedece a leis diferentes das do mundo exterior. Cria um mundo de tal modo próprio que, num certo sentido, fica sitiado.

Foram poucos os que até agora entenderam esse mundo próprio de Luiza Neto Jorge?

A poesia completa de Luiza está entre os livros mais vendidos. Talvez possa dizer-se é que a sua poesia não tem descendentes, porque será muito difícil fazer alguma poesia a partir de um estilo tão próprio, tal como sucede com a de Gastão Cruz ou a de Fiama. Mas torna-se caricato falar de possível descendência ou não, quando estamos perante uma poesia tão marcante. Na minha opinião, temos uma escritora de poesia contemporânea, Adília Lopes, que talvez deva muito à poesia de Luiza.

Tornava-se fácil conviver com ela?

Absolutamente. Era uma pessoa simples. Clara. Não era nada poeta em termos de ter os cabelos em pé ou os olhos em alvo ou de vogar uns centímetros acima do solo. Uma pessoa prática.

Pode dizer-se que a poesia de Luiza Neto Jorge fez a unidade entre a matéria e o sonho?

Tinha esse *descriptivismo*, que já encontramos em poetas como Cesário Verde, numa grande atenção às imagens do mundo. Não seria de todo aquilo a que costuma chamar-se «uma pessoa terra-a-terra», mas também não correspondia ao arquétipo do poeta romântico.

Pressentia que o jogo do tempo iria traí-la muito cedo?

Não falávamos muito sobre isso. Mas quando volta a escrever, já nos anos 80, tem uma poesia em que a morte está presente. É uma morte parte da vida, uma

coisa deste mundo e com toda a grandeza das coisas deste mundo.

O horizonte próximo da morte não a tornou amarga?

Não. Desse ponto de vista, era heroica. Perante a doença que a minava, quanto pude aperceber-me, tinha uma perfeita serenidade, uma total ausência de pieguice. Impressionava pelo completo domínio de si. E, pelo que vejo na sua poesia, tinha uma visão perfeitamente lúcida e luminosa da morte. Era uma coisa do seu trato diário e dos sentidos mais altos da sua poesia.

As fases da poesia de Luiza são distintas?

Há uma primeira fase mais de juventude e uma segunda de total maturidade, em que a morte já está presente. Mas dá-se um percurso de uma grande harmonia, como se toda a sua poesia tivesse dois andamentos: um primeiro, largo, e, depois, um outro, onde o jogo é já muito mais alto e as coisas de que fala são as absolutamente essenciais. O jogo "construcionista" da palavra dá lugar a uma outra transparência, perde uma certa aspereza. Assume uma interioridade em que tudo se torna luminoso.

O facto de a tradução de uma obra ter a chancela de Luiza Neto Jorge chegava a ser maior garantia do que o nome do autor...

Sem dúvida. Tenho livros que guardo pela simples razão de serem tradução dela. Há todo um trabalho a fazer sobre a sua vida de tradutora.

Quer prometer fazê-lo?

Farei o que puder. A Universidade está lá também para isso. Deve realizar as pesquisas onde existe o ouro. O desiderato de traduzir outro é extremamente difícil. Luiza era uma tradutora profissional que não impunha o seu entendimento da literatura à obra que traduzia. Não traía o autor. Mas tinha uma qualidade e um domínio da palavra que são de um valor cultural inestimável.

Nos últimos versos da sua «Minibiografia», Luiza diz: «Deixo um poema ao retardador / meia palavra a bom entendedor». Seria uma resposta ao facto de ser tão esquecida em vida?

Se calhar, todo o grande poeta não terá outro remédio se não o de ser um pouco esquecido enquanto vive. Tem acontecido muitas vezes. Esse poema quase escapa ao tempo ou entra no tempo de uma lentidão cósmica. Um bom entendedor poderá sempre encontrar essa meia palavra e descobrir nela a palavra total de Luiza Neto Jorge.

A geração do final de século poderá descobrir essa poesia total da autora de «Terra Imóvel»?

Trata-se de uma das joias da poesia portuguesa do século XX e uma das manifestações mais retumbantes da grandeza da poesia em Portugal. Se ainda houver leitores, encontrarão na Luiza um texto ímpar, dos mais marcantes.

Coloca uma condicional. Pessimista quanto a leitores?

Não é um «se» dubitativo, antes um «se» de condição. Sabemos que os leitores não desapareceram. Ainda agora, na Festa do Livro da Ribeira, se notou, quanto julgo saber, grande interesse pelo livro, e muitos, em Portugal, são de poesia.

Afasta a ideia de se estar a caminhar para uma rutura com o livro?

Imaginemos a poesia de Luiza Neto Jorge em disquete. Eu, para a ler, teria sempre que imprimi-la em papel. Não está em questão a valia do computador, mas para a leitura — e a da poesia é típica — não concebo um computador. Defendo o livro até do ponto de vista da própria relação física com o texto. É um objeto de arte. E, assim como a pintura não foi morta pela fotografia, também o livro não será morto pelo computador. As coisas tendem mais para se multiplicarem e entreajudarem do que para se entredestruírem.

A um jovem que esteja a experimentar o gosto pela leitura, que livro de poesia sugeriria?

A poesia de Luiza Neto Jorge, por exemplo. Mas há outros grandes nomes na poesia portuguesa: António Franco Alexandre, Joaquim Manuel Magalhães, Al Berto, Nuno Júdice, entre muitos.

«As minhas mãos são líricas como um ladrão de lua.» Quem era Luiza Neto Jorge, autora deste verso?

Poeta. Era a sua faceta ancestral.

@ *MARIA AUGUSTA SILVA*